

O PAPEL DA MEMÓRIA OU A MEMÓRIA DO PAPEL DE PÊCHEUX PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS

Amanda E. SCHERER

Laboratório CORPUS/Labclin

Universidade Federal de Santa Maria

Tania R. TASCHETTO

Laboratório CORPUS/Labclin

Universidade Federal de Santa Maria

Pêcheux foi um operário incansável, segundo Maldiérier¹ (1984), nos dando pistas e nos indicando caminhos para entendermos e subvertermos um domínio já determinado como era o caso do campo político-histórico daquela época. Pêcheux nos ensinava e repetia sem parar que o espaço da análise de discurso era “*o espaço incerto onde a língua e a história se encontram mutuamente submetidos e submersos*” na e pela interpretação.

Nós sabemos, também, que Pêcheux com a preocupação de entender a lingüística como disciplina de interpretação sempre teve uma relação muito estreita com a História e sobretudo no último período de sua vida intelectual. E, foi nesse último período que ele encontra em congressos e colóquios historiadores e historiógrafos. Com eles, Pêcheux procura entender as mudanças ocorridas na vida intelectual francesa, de então. Mas essa relação com a História nós sabemos também que ela vem se construindo desde o início: nós conhecemos as discussões com Régine Robin², com Jacques Guilhaumou, assim como, com o sociólogo Bernard Conein, entre outros.

Além de Foucault, com quem teve um debate permanente, Pêcheux se interessava em De Certeau e Ginsburg, enfim aos historiadores das mentalidades³. Em 1981, ele participa em Aix-en Provence do Colóquio organizado por Vovelle sobre ‘*les resistances et les prisons de longue durée*’ e em 1983 na Ecole Normale Supérieure de Paris, ele se faz presente na mesa-

¹ texto em homenagem a Pêcheux na introdução dos Anais do Congresso sobre Histoire et Linguistique (1984)

² Não esquecendo que o livro de Régine Robin *Histoire et Linguistique* é de 1973.

³ Maldiérier (1984)

redonda de número 07 intitulada *Rôle de la mémoire*, juntamente com Pierre Achard, um sociolinguísta e analista de discurso, Jean Davallon, um semiótico e sociosemiótico do espaço e Jean-Louis Durand, um semiótico interessado no gestual na antigüidade ateniense clássica.

O encontro da Ecole Normale Supérieure, intitulado **Histoire et Linguistique**, tem oito temas para discussão. Todos eles direta ou indiretamente nos encaminham para o papel da memória nas reflexões e nas relações de interpretação. Da reflexão sobre Corpus e co-texte para a História na língua e a língua na História; da História e Lingüística do oral até os manuais escolares; assim como da discussão sobre a constituição do fato na História e na Lingüística ou o estatuto do texto escrito na História e na Lingüística, além do papel da tradução são discussões, sem sombra de dúvida, sobre o papel da memória no aparato de interpretação que produzem uma imensa cacofonia, cheia de rumores, de furores, de clamor, de polêmico e de controversas, de argumentos simétricos ou congruentes a respeito dos quais ninguém pode ficar indiferente.

Frutos dessas discussões com teóricos da história, da sociologia, assim como das discussões sobre a imagem e sobre textos e os discursos, a *memória* surge como questão efetiva que permite o encontro entre esses temas, a princípio muito diferentes. Esta questão como ele muito bem nos ensina “*conduziu a abordar as condições (mecanismos, processos...) nas quais um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio à memória*”.

E Pêcheux no seu argumento inicial nos diz que a memória deve ser entendida como “*nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e de memória construída do historiador*” Da questão do arquivo até aquela do corpus ou dos estados do corpus, da questão da descrição à da interpretação, Pêcheux pensava talvez, no dizer de Malidier (1984) em uma história social dos textos.

O texto *Rôle de la memoire* é parte do colóquio acima citado sobre História e Lingüística, realizado em Paris, abril de 1983. Nesse texto, Pêcheux discute “O que é memória? O que é guardado na memória? O que é memorizável, registrado na memória?” a partir dos sentidos entrecruzados da

memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. Discute, ainda “Onde está a lingüística como disciplina de representação em relação às disciplinas de interpretação? O que é da ordem propriamente lingüística em relação à ordem do discursivo e a fortiori em relação à ordem do icônico, do simbólico ou da simbolização?” Para ele:

Para tratar do memorizável é preciso entender o acontecimento inscrito no espaço da memória sob dupla forma-limite: (1) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; (2) o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse acontecido. (p.50)

E ainda, para reconstituir o acontecimento, a memória “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” restabelecemos os implícitos, mesmo que não possamos “provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo”⁴. Os implícitos residiriam na memória discursiva, ausentes por sua presença, disponíveis em um registro oculto, encontráveis na “regularização” sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (reconhecimento do que é repetível), reconstituíveis pelo efeito de opacidade marcado no ponto de divisão do mesmo e da metáfora. No mesmo debate, Achard trata da “memória e produção discursiva do sentido”, abordando como condição necessária o estatuto dos implícitos dizendo que a “estrutura do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social”.

O funcionamento do discurso supõe que os operadores languageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores. O que coloca em cena uma negociação entre o choque do acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória que coloca em jogo “uma crucial passagem do visível ao nomeado”, no qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura,

⁴ P.Achard, Memória e produção de sentido, na mesma mesa de Pêcheux no Colóquio em questão.

um percurso escrito discursivamente em outro lugar - restabelecido pelos implícitos através do efeito da repetição e da regularização: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Na mesma mesa do colóquio, Davallon, ao tratar da “A imagem, uma arte de memória?”, cita Halbwachs apontando para a dimensão intersubjetiva e sobretudo coletiva que só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo.

Para Pêcheux, a AD reencontra a imagem por outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). No outro extremo, o choque opaco do acontecimento é também algo que não se inscreve, na medida em que está sempre “já lá”, no retorno de um paradigma passado que se repete no interior de sua aparição instantânea, nas profundezas de um paradigma que estrutura o retorno do acontecimento sem profundidade⁵.

Com efeito, para ele, o fechamento exercido por todo jogo de força de regularização se exerce na retomada dos discursos e constitui uma questão social. Se situarmos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o lingüístico, na sua suspensão em vista de um jogo de força de fechamento que o ator social ou o analista vem exercer sobre discursos em circulação. Elas estão eventualmente envolvidas em relação de imagens e inseridas em práticas.⁶ A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador.

E com Pêcheux aprendemos que a memória não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase. Essas considerações deslocam o estatuto do que é provável historicamente porque a operação de retomada se

⁵ Ver a esse respeito trabalho de Courtine et Marandin sobre memória cheia, saturada e memória lacunar ou com falhas, citado por Courtine, 1999

⁶ Ver a esse respeito o trabalho de Courtine em relação à história do rosto (Histoire du visage), 1994.

localiza nesse nível. Para ele, o que distingue o analista de discurso do sujeito histórico não é uma diferença radical mas um deslocamento. A análise de discurso é uma posição enunciativa que é também aquela de um sujeito histórico (seu discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada), que se esforça por estabelecer um deslocamento suplementar em relação ao modelo. A memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso.

Pêcheux não dissocia memória do histórico e do político. E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, segundo Pêcheux, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.

Mas memória é muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Memória é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. E no dizer de Robin (2003, p.15) quando se lembra, se lembra “*sur fond de cassure et collecte des bribes, des éclats, des fragments et des traces*”

Referências bibliográficas

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. Histoire du visage (Exprimer et taire ses emotions XVI-début XIX siècle). Paris: Payot, 1994.

_____. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória eo esquecimento na enunciação do discurso político. *Ensaio*, 12, Porto Alegre: Sagra-Luzzardo, p.15-22, 1999.

MALDIDIÉ, Denise. Michel Pêcheux, une tension passionnée entre la langue et l'histoire. In: *Histoire et linguistique*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

PÊCHEUX, Michel et al. *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaire de Lille, 1981.

PÊCHEUX, Michel. Rôle de la mémoire. In: *Histoire et linguistique*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ROBIN, Régine . *Histoire et linguistique*. Paris: Armand Colin, 1973.

ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003. (Col.Un ordre d'idées).